

## Discurso como Reitor da Universidade do Minho (1984)

SENHOR PRIMEIRO-MINISTRO [Dr. Mário Soares]

SENHOR MINISTRO DA EDUCAÇÃO [Prof. José-Augusto Seabra]

SENHOR SECRETÁRIO DE ESTADO DO ENSINO SUPERIOR  
[Prof. Joaquim Pinto Machado]

DIGNÍSSIMAS AUTORIDADES ACADÉMICAS, CIVIS, MILITARES E RELIGIOSAS

SENHORES PRESIDENTES DAS CÂMARAS MUNICIPAIS DE BRAGA E GUIMARÃES

CAROS COLEGAS E ALUNOS

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Antes de mais, desejo saudar V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Primeiro-Ministro, na sua visita à Universidade do Minho. Esta jovem Universidade que comemora o seu décimo aniversário, está cheia de pujança e espera firmemente que atendendo aos dois milhões de habitantes que serve e às provas já demonstradas na vitalidade dos seus docentes e discentes, possa em breve lançar os fundamentos das suas Instalações Definitivas.

A sua ilustre presença aqui, neste dia, é a certeza da concretização desta longa e urgente aspiração não só da Universidade como da boa e numerosa gente do Norte.

— Senhor Ministro da Educação. Há muito convidamos V. Ex.<sup>a</sup> a visitar a sua mais longínqua Universidade do Continente. Estamos longe no espaço mas muito perto das orientações de V. Ex.<sup>a</sup> Pois desde o princípio quisemos ser, apesar das dificuldades de toda a obra que nasce, uma grande Universidade. Muito apreciamos e agradecemos, por isso, a honrosa presença de V. Ex.<sup>a</sup>.

— É com a maior alegria que vimos entre nós o Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior, não só pelo alto cargo que ocupa mas sobretudo porque desde os primeiros dias, todo o tempo que durou a Comissão Instaladora, ele seguiu de perto, com o seu esforço e larga competência, as vicissitudes da criação e consolidação desta Instituição. Aproveito esta ocasião para em nome de toda a Universidade lhe dizer um muito obrigado muito sentido e muito sincero.

### CORPO DISCENTE

Desde 1980 que a Universidade vem esgotando a sua capacidade de admissão de novos alunos o que indica claramente que, apesar de serem os Cursos ministrados nesta Universidade de carácter inovador, já conquistaram de há muito um lugar de relevo a par dos cursos consagrados pela tradição.

O número total de alunos inscritos no ano lectivo 1983/84 foi de 2.600 aproximadamente: sendo 1.034 alunos os das Licenciaturas de Ensino, 814 de Engenharia, 184 de Gestão de Empresas e Administração e de Relações Internacionais e 59 dos Mestrados de Informática, Tecnologia Têxtil e Educação. Sublinha-se, mais uma vez, que na totalidade dos cursos, as candidaturas excederam largamente a capacidade física da Universidade. Obtiveram a sua graduação, em 1983, 114 alunos, mais 19 que no ano anterior. Embora nem todos os cursos, como é óbvio, tenham a mesma facilidade de colocação, contudo podemos afirmar, de uma maneira geral, que todos os licenciados se encontram colocados o que, em princípio, confirma a validade da política adoptada e abona a qualidade do ensino prestado.

Este ano, pela primeira vez, haverá, alunos finalistas de Engenharia Civil, Gestão de Empresas e Administração ficando assim concluído o plano que a Comissão Instaladora se propôs, excepto como é sabido o curso de Medicina. Trata-se agora de gizar outro plano de novos cursos para o futuro da Universidade para serem instaurados logo que tenhamos superado as limitações do orçamento e a escassez de espaço.

Deve registar-se, com agrado, o elevado espírito de diálogo e sentido de responsabilidade demonstrado pelos alunos e seus dirigentes académicos na compreensão das enormes dificuldades por todos nós vividas em termos de instalações com que a Universidade se debate.

### CORPO DOCENTE

Tem sido preocupação prioritária, desde a fundação da Universidade, a exigência de qualidade do seu pessoal docente. De facto, uma Universidade, antes de ser edifício e laboratórios, tem como base, acima de tudo, o alto nível científico e humano do seu professorado e dos seus investigadores.

Dentro das perspectivas dessa exigência prioritária leccionam nesta Universidade 297 docentes dos quais: 16 são catedráticos, 15 associados e 32 auxiliares o que perfaz o número de 63 professores doutorados. Há ainda a acrescentar 82 assistentes, 96 assistentes estagiários, 7 leitores, 21 monitores e 29 docentes em regime de tempo parcial.

A proporção de docentes doutorados é de 21% o que é uma boa proporção, especialmente se consideramos o breve trecho de existência da Universidade e a dificuldade de recrutar pessoal docente qualificado.

Tem-se conseguido manter um bom ritmo de preparação de pessoal docente, apesar dos apertos financeiros do nosso orçamento e das altíssimas propinas das universidades estrangeiras. Ainda assim, dos 82 assistentes mantemos 33 bolseiros, mas alguns deles preparam já o seu doutoramento em Portugal e mesmo nesta Universidade. Assim se instiga um maior incremento da investigação científica no meio da própria Universidade e poupam-se divisas, tudo sem prejudicar a urgente necessidade de formação de novo pessoal docente.

É digno de nota que, neste tempo, se realizaram já os três primeiros doutoramentos na Universidade do Minho: um em Ciências de Educação, outro em Ciências de Engenharia e ainda outro em Relações Internacionais.

Além disso membros do corpo docente estão continuamente envolvidos em actividades académicas exteriores à Universidade, tais como: a participação em júris de doutoramento e concurso de professores, equiparação de doutoramento e de licenciatura respeitantes a outras Universidades; a colaboração activa em publicações científicas e em cursos de graduação e pós-graduação e a orientação de doutoramentos também de outras Universidades; a organização de colóquios e reuniões culturais e científicas; a participação em conselhos científicos de numerosas Escolas de Ensino Superior e em órgãos e instituições nacionais de carácter científico e tecnológico e outras que além de prestigiarem a Universidade do Minho

são exemplos de uma vitalidade e capacidade científicas que importa preservar e desenvolver.

#### PESSOAL NÃO DOCENTE

Não houve, durante 1983, mudança significativa dos efectivos de pessoal não docente. Em 1980 havia 215 funcionários e em 1983 são apenas mais 6, perfazendo um total de 221. Neste período saíram 3 funcionários e foram admitidos 9.

Esta situação mostra claramente que o aumento de pessoal não docente não acompanhou o desenvolvimento da Universidade, revelando-se assim insuficiente para uma desejada e necessária expansão, ao mesmo tempo que se traduziu num maior grau de exigência ao zelo e competência dos funcionários que, na sua vasta maioria, responderam com elevado sentido de responsabilidade e dedicação.

Foi feito um longo estudo preparatório, em que estiveram envolvidas a Administração e as próprias Unidades, destinado a averiguar qual a estrutura actual de todo o pessoal docente e não docente e, por comparação com outras Universidades, propor a tipologia e o número de lugares a criar no quadro do pessoal não docente. Foram de há muito detectadas algumas assimetrias, nomeadamente na razão pessoal técnico por docente, que foram tomadas em consideração na elaboração daquele quadro cuja proposta se encontra quase concluída e prestes a ser levada a aprovação superior.

Conquanto as actuais perspectivas orçamentais e os condicionamentos impostos à admissão de pessoal na função pública não sejam animadores quanto a uma entrada de novo pessoal em número que permita colmatar rapidamente as deficiências existentes, a ultimação do quadro do pessoal não docente é indispensável como instrumento da gestão da Universidade.

Ainda neste contexto deve salientar-se que não poucas tarefas, indispensáveis ao bom funcionamento dos serviços, foram e são desempenhadas por tarefeiros em regime de empreitada. Considera-se correcta esta solução para os trabalhos de carácter transitório, mesmo de mais longa duração; não é, porém, admissível que se torne a única forma de assegurar a execução de trabalhos do tipo permanente.

#### EXPANSÃO EM CURSOS E EFECTIVOS DISCENTES

O ano de 1982/83 marcou uma vincada expansão dos cursos e efectivos discentes da Universidade do Minho, que se manifestou em:

- a) Aumento de *numerus clausus* dos Cursos de Engenharia de Sistemas e Informática e de Engenharia Têxtil e Produção Têxtil de 30 para 60 alunos cada;
- b) Preenchimento do *numerus clausus* a 125% (560 novos ingressos), como resultado do elevado número de requerimentos de reingressos, transferências e ingressos por habilitações especiais ou por parte de portadores de um curso superior;
- c) Aprovação do curso de mestrado em Informática, com as especialidades de Ciências de Computação e de Informática de Gestão, do curso de Mestrado em Educação, com as especialidades de Análise e Organização do Ensino, Ensino das Ciências da Natureza e Ensino do Português, e do curso de Mestrado em Tecnologia Têxtil;
- d) Entrada em funcionamento efectivo do curso de Mestrado em Informática em Janeiro de 1983.

Essa mesma tendência de expansão continua a verificar-se no corrente ano escolar, sendo de assinalar:

- a) Um preenchimento pleno do *numerus clausus* em todos os cursos da Universidade;
- b) Um total de admissões de novos alunos que se cifra em 130% do *numerus clausus* (600 novos ingressos);
- c) O início do funcionamento efectivo dos Cursos de Mestrado em Tecnologia Têxtil e em Educação em Novembro de 1983.

É ainda de assinalar que foram recusadas as admissões de algumas centenas de estudantes que requereram transferência para a Universidade do Minho, bem como de elevado número de candidatos com curso Superior (bacharelato), o que vem comprovar o subdimensionamento desta Universidade em relação às necessidades e anseios da região em que se pretende inserir.

## REESTRUTURAÇÃO DOS CURSOS

Durante o ano transacto foi realizado um grande esforço de reestruturação dos cursos da Universidade, que passaram a estar organizados pelo sistema de unidades de crédito. Com a publicação da Portaria n.º 919/83, que estabelece a estrutura curricular dos cursos, e a aprovação dos respectivos planos de estudo, foi adquirida uma estabilização de currículos, que urgia, aliada a uma maior autonomia pedagógica da Universidade.

A passagem ao regime anual de funcionamento a que simultaneamente se procedeu irá permitir uma melhor rentabilização do ano escolar e criar condições mais consentâneas com as crescentes exigências científicas e pedagógicas do ensino superior universitário.

## SERVIÇO À COMUNIDADE E UNIDADES DE APOIO

Não poderia ainda deixar de salientar a valiosa acção prosseguida pelas Unidades Culturais da Universidade que vieram a atingir um desenvolvimento que muito me apraz registar, conseguindo, à custa do seu entusiasmo e dinamismo, superar as severas limitações financeiras a que foram igualmente sujeitas.

A CASA NOGUEIRA DA SILVA promoveu ao longo de todo o ano uma vasta e diversificada gama de exposições e de outras acções de divulgação cultural e artística, abertas ao público em geral e que mereceram o melhor acolhimento da população. Um número de visitantes superior a 25.000, durante 1983, atesta bem o impacto que as actividades da CASA NOGUEIRA DA SILVA começa a ter no grande público.

Para além da divulgação cultural e promoção de actividades artísticas desempenhou esta Unidade uma acção pedagógica e didáctica de grande relevância, mediante um programa de visitas guiadas e seminários, dirigidos às Escolas da região, além de outras acções integradas, envolvendo, designadamente, a Biblioteca Pública, a Unidade de Arqueologia e algumas áreas científicas da Universidade do Minho.

A UNIDADE DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS prosseguiu uma valiosa acção de apoio a vários Serviços da região (e do país), através de cursos de sensibilização à educação de adultos e de acções de formação neste domínio, de que são exemplo os cursos e seminários de apoio à Direcção-Geral de Educação de Adultos,

Hospital de S. Marcos, Hospital de Barcelos, Instituto de Formação dos CTT e Junta Central das Casas do Povo. Um protocolo de cooperação envolvendo esta Universidade, a Direcção-Geral de Educação de Adultos e a Universidade sueca de Linköping, revelou-se de grande interesse por haver permitido o lançamento e consolidação de novas acções de educação de adultos, designadamente o lançamento de círculos de estudo e a publicação de grande número de obras sobre temas especializados em educação de adultos, de que a Universidade do Minho é pioneira, a nível nacional. Assistiu-se ainda a uma renovação no desenvolvimento da investigação neste sector que culminou com o lançamento de um projecto de investigação participativa em Viana do Castelo, com o apoio da Fundação Gulbenkian e de várias Instituições suecas.

Por outro lado a UNIDADE DE ARQUEOLOGIA da Universidade prosseguiu uma vasta acção de carácter pedagógico, científico e de extensão universitária, o que permitiu o desenvolvimento de quatro projectos de investigação conducentes a doutoramentos em Arqueologia, a prossecução do levantamento do património arqueológico do Norte de Portugal, além de outras valiosas acções de apoio pedagógico e cultural à comunidade.

Apesar de grandes carências em espaço e em pessoal conseguiu um balanço muito positivo nas actividades da BIBLIOTECA PÚBLICA e do ARQUIVO DISTRITAL.

Em particular a BIBLIOTECA PÚBLICA conheceu um movimento de leitores superior a 40.000 e promoveu um vasto número de acções de formação, animação, divulgação e apoio a outras entidades que acentuaram a sua crescente intervenção e importância na vida cultural da cidade.

O trabalho de microfilmagem iniciado durante o ano de 1983, no ARQUIVO DISTRITAL, constitui uma linha de acção de primordial importância que não poderá deixar de ser prosseguida e incentivada.

Uma palavra igualmente de apreciação e estímulo às UNIDADES DE APOIO cujo pessoal prosseguiu com dedicação e entusiasmo uma acção de suporte valioso ao ensino e investigação.

Uma tendência crescente no volume de obras executadas pela REPROGRAFIA e pelas OFICINAS GERAIS, apesar de dificuldades surgidas com as respectivas mudanças de instalações, não poderá deixar de ser assinalada com regozijo.

Uma acção esforçada e dinâmica em matéria de informação documental foi superiormente desempenhada pelos SERVIÇOS DE

DOCUMENTAÇÃO no seu apoio aos alunos, docentes e investigadores da Universidade, tendo servido durante 1983 um número de leitores da ordem dos 72.000, ao mesmo tempo que fomentou e colaborou em várias acções de formação técnica no respectivo domínio.

### SERVIÇOS SOCIAIS

No decorrer de 1983 os SERVIÇOS SOCIAIS serviram mais de 200.000 refeições o que se traduz, em relação a 1982, num aumento percentual de cerca de 34%. Este aumento resulta do alargamento do espaço destinado à cantina do pólo de Braga. Mas o pólo de Guimarães foi também beneficiado com a montagem de uma cozinha no bar que passou a servir refeições, enquanto que em Braga, os estudantes passaram a dispor de um bar/snack mais amplo.

No alojamento, os estudantes começaram a dispor de mais 99 camas pois concluiu-se a construção do primeiro dos três blocos a construir em terrenos cedidos gratuitamente pela Câmara Municipal de Braga. Em Guimarães adquiriu-se um edifício com capacidade para 40 estudantes que se espera entrar em funcionamento em Outubro próximo.

Apesar de não ter havido qualquer acréscimo no pessoal administrativo, o crescimento dos serviços prestados não se resumiu à alimentação e ao alojamento, pois se, em termos de orçamento, o aumento foi de 40%, nas bolsas de estudo foi na ordem dos 15% e na procuradoria cifrou-se em 20%. No entanto e como facto mais importante operado neste último ano foi a publicação do Decreto-Regulamentar que veio integrar no quadro todos os funcionários. Este facto é tanto mais de assinalar quanto os Serviços Sociais da Universidade do Minho são, neste momento, os únicos Serviços Sociais do Ensino Superior que dispõem de um quadro de pessoal.

Actualmente servem em média cerca de 1.300 refeições diárias na cantina – não obstante a clara precariedade dos espaços disponíveis.

O custo médio dos géneros é de 90\$00 por refeição, valor considerado dos mais baixos entre serviços congéneres.

A qualidade do serviço é claramente atestada quer pelos relatórios do consultor – especialista em nutrição, quer pelos próprios estudantes que, facto inédito – outorgaram em Janeiro de 84 ao responsável dos Serviços Sociais a medalha de sócio honorário e ao

conjunto dos funcionários dos Serviços Sociais a medalha de mérito da Associação Académica da Universidade do Minho.

Porém, não obstante o baixo custo da refeição, o déficit mensal registado na cantina situa-se próximo dos 800 contos mensais.

Esta situação é ainda agravada pelo déficit de cerca de 350 contos mensais no sector de Bolsas de Estudo, valor tanto mais significativo quanto se verifica que a bolsa média se cifra em 2.640\$00, isto é, um dos mais baixos valores de bolsas existentes no país.

Em resumo, os Serviços Sociais com o déficit de cerca de 1.150 contos mensais, estão em risco de ter a muito curto prazo de suspender parte dos seus serviços, com as inerentes perturbações cuja gravidade é inútil sublinhar.

Não pode deixar de se lamentar e de manifestar publicamente as difíceis condições com que se vêm confrontados os Serviços Sociais da Universidade do Minho e que obviamente porão em causa o clima de bom entendimento, confiança mútua e respeitabilidade que granjearam junto da comunidade universitária e muito particularmente dos estudantes.

Urge, pôr rapidamente cobro à situação descrita, enquanto estamos a tempo de evitar rupturas.

### INSTALAÇÕES DA UNIVERSIDADE DO MINHO

Para além do edifício-mãe do Largo do Paço – onde ora nos encontramos – e onde se situam a Reitoria, os Conselhos Científico e Pedagógico, Administração e Serviços Sociais, a Universidade do Minho distribui-se por mais 16 espaços em Braga e Guimarães, oito dos quais com actividades científicas e/ou pedagógicas.

Esta simples enunciação bastaria para se ter uma ideia da situação precária em que se vive e dos custos administrativos, científicos e pedagógicos que tão intensa dispersão acarreta e que se somam aos não desprezáveis custos de interioridade que há que ter igualmente presente.

Nestas condições caberia perguntar se se justificaria ou se se poderia sequer admitir o crescimento do volume de alunos na Instituição. A resposta, porém, transcende a Universidade e a própria vontade desta, já que está demonstrado em toda a parte que é o *potencial* da região que determina a dimensão dos seus estabelecimentos de ensino. E, o Distrito de Braga é, fora Lisboa, Porto e Coimbra, o Distrito com maior potencial, muito para além de outras regiões do país como Aveiro, Évora, Setúbal ou Faro.

Por outras palavras, o não crescimento da Universidade do Minho seria anti-natural e não teria qualquer tipo de justificação política, económica ou social. Mais, mesmo o crescimento dos últimos anos, traduzido num volume de admissões da ordem dos 600 alunos/ano ainda está claramente abaixo do que os estudos independentes demonstram ser o volume normal e adequado de admissões, isto é, cerca de 1.000 alunos/ano.

Manter a Universidade do Minho abaixo da sua dimensão adequada é, afinal de contas, não prestar à região o serviço que seria legítimo e justo, é não fazer jus ao seu potencial real, actual e futuro, é, finalmente, comprometer os anseios e o desenvolvimento normal da própria região.

Tendo disto consciência não podiam os órgãos de governo da Instituição cruzar os braços e aceitar como fatalidade inexorável a falta de instalações.

E, assim sendo traçou-se uma estratégia de desenvolvimento para o horizonte de 10 anos, dotada de realismo e flexibilidade e caminhou-se em vias paralelas. A saber:

- Sensibilização de docentes, alunos e funcionários para a problemática em questão;
- Sensibilização das autarquias, deputados e outras forças da região para o presente e futuro da Universidade do Minho;
- Lançamento a todo o custo do Processo das Instalações Definitivas em Braga e Guimarães compreendendo:
  - Aquisição de terrenos em Braga e Guimarães;
  - Elaboração dos Projectos em Braga e Guimarães;
- Obtenção de espaços provisórios que fossem acomodando os estudantes.

É desta luta sistemática desde 1981 que vos procurarei dar conta de seguida, certo sendo que nesta luta temos contado com o crescente empenhamento das forças vivas locais e regionais e que não desistiremos nunca de insistir com os órgãos do poder central numa causa que é justa e inadiável.

A presença de tão ilustres responsáveis nacionais e locais é, quanto a nós, penhor do interesse que o tema nos merece.

No que a Braga diz respeito, dispõe-se de um terreno de cerca de 24 ha. que serão suficientes para as duas primeiras fases de construção.

A primeira fase cujos projectos-base se encontram virtualmente concluídos compreende cerca de 31.000 m<sup>2</sup> de construção e estima-se que a preços de 84 venha a custar 1,2 milhões de contos. Nesta primeira fase que acolherá a grande maioria das Unidades de Ensino, os Complexos Pedagógico e Biblioteca, Centros de Computação e Análises, Reprografia, Restaurante Universitário e Zona Social de Estudantes e ainda de Armazém Geral, Oficinas e um pequeno bloco administrativo, conta-se albergar cerca de 3.500 alunos e cerca de 300 docentes.

Admitindo que os movimentos de terras se iniciam ainda no corrente ano, admite-se a conclusão da 1.<sup>a</sup> fase em 1986/87 ou na pior das hipóteses em 1987/88.

Atendendo a que no ano de 1986/87 as Instalações Provisórias terão uma sobressaturação que obrigará a ter as salas de aula ocupadas das 8 horas da manhã às 21 horas da noite, fácil é deprender que haverá que a todo o custo iniciar e completar rapidamente aquela obra. Faça-se aqui um parêntesis para solicitar a Suas Excelências o Primeiro-Ministro e Ministros da Educação e Equipamento Social, e Secretário de Estado do Ensino Superior aqui presentes, o especial interesse por esta obra.

É que não sendo a resposta positiva haverá que restringir as admissões no próximo ano lectivo de forma a evitar rupturas posteriores.

Para obviar às carências actuais tem-se procurado otimizar os espaços existentes, designadamente nos Pavilhões da Rodovia e em espaços alugados junto ao Complexo Pedagógico. Porém, a tábua de salvação até 1986/87 foi concedida pela cedência do edifício do Castelo (ex-Escola Alberto Sampaio) que permitirá sediar 12 gabinetes duplos para docentes e dez salas de aula.

E, abre-se aqui um parêntesis para publicamente testemunhar ao Senhor Secretário de Estado das Obras Públicas e à Direcção-Geral de Construções Escolares - Delegação Norte através do seu Director, o claro e inequívoco apoio e empenhamento que puseram na recuperação do imóvel e no funcionamento do mobiliário de base que o Orçamento da Universidade do Minho não conseguia comportar. Foi este um exemplo vivo do interesse, competência e capacidade de Serviço que muito gostosamente testemunhamos perante Vossas Excelências.

No respeitante ao núcleo de Guimarães onde estão principalmente dedicados os Cursos Tecnológicos, para além da situação não muito dissemelhante da de Braga, acrescia em 1983 o facto de a

Universidade do Minho não ser proprietária dos terrenos onde estava previsto se erigissem as Instalações Definitivas.

Mas, após laboriosas negociações, conduzidas com incedível zelo pelos Professores CARLOS BERNARDO e JOSÉ SEITA, e contando com a compreensão dos proprietários vimaranenses e com o apoio firme e extraordinariamente valioso da Câmara Municipal de Guimarães foi possível levar a bom termo aquelas negociações por valores que são inequivocamente favoráveis à Instituição.

Mas, não foi fácil. É que o Plano de Investimento e Desenvolvimento da Administração Central de 1983 sofreu tais vicissitudes que não fora o claro empenhamento do Secretário de Estado do Ensino Superior e porventura de outros órgãos paralelos e superiores, ter-se-ia gorado ingloriamente uma oportunidade única e que claramente servia a Universidade do Minho.

Também para o núcleo de Guimarães está em vias de conclusão o Projecto-Base da 1.<sup>a</sup> fase que compreende a construção de cerca de 16.000 m<sup>2</sup>, estimando-se um custo global (a preços de 1984) de cerca de 500 mil contos.

Nesta primeira fase integrar-se-ão para além de Anfiteatros e Salas de Aula para cerca de 1.300 alunos, os Laboratórios Pesados e Ligeiros dos Cursos Tecnológicos, Biblioteca, Serviços Administrativos, Reprografia, Restaurante e Zona de Estudantes, Armazém e Oficinas Gerais.

A saturação desta Primeira Fase está prevista para 1992.

Tendo em atenção que as actuais instalações só poderão – após obras de ampliação – albergar mais 200 alunos do que o actual, conclui-se que igualmente, a partir de 1986/87 a situação é crítica, havendo profunda ruptura em 1987/88. Daí que haja que até aquela data ter construído aquela Primeira Fase, que deverá assim, caminhar, naturalmente, em paralelo com a de Braga.

Para que as actuais instalações provisórias possam a partir do próximo ano albergar os cursos e alunos existentes é necessário construir mais um andar no edifício das Oficinas Gerais o que implicará um dispêndio de cerca de 5.000 contos. Atendendo a que a Universidade do Minho não dispõe de rubrica orçamental para o efeito desde já se solicita – uma vez mais – a colaboração nunca negada da Secretaria de Estado das Obras Públicas, através da Direcção-Geral das Construções Escolares do Norte.

Acresce que as Instalações da Universidade do Minho em Braga e Guimarães vêm sendo crescentemente solicitadas para o apoio a actividades de formação profissional o que mais justifica

o empenho em poder dispor de instalações susceptíveis daquela utilização que se deseja crescente.

A maior dificuldade com que nos debatemos não é a qualidade dos docentes que embora em algumas áreas esteja ainda em formação noutras é já verdadeiramente notável; não é o afluxo dos alunos que excede a capacidade da Universidade; não é a competência dos seus funcionários pois embora sendo poucos levam com êxito o peso da Instituição; a maior dificuldade é a diminuta capacidade das suas instalações provisórias e a falta ainda das suas instalações definitivas. Assim não podemos responder cabalmente aos apelos da região e às necessidades científicas da nossa Universidade em forte expansão. Esta é a nossa maior preocupação porque essa falta está coarctando todas as nossas iniciativas e todo o nosso desenvolvimento.

As Instalações Definitivas, por razões alheias à Universidade, levam uns quatro anos de atraso nos planos previstos. E digo alheias à Universidade, porque se tivesse existido verdadeira autonomia como estava exarado nas leis das novas Universidades em período de instalação, já há muito se teria iniciado a construção das instalações definitivas da Universidade, com o esforço, dedicação e ciência dos nossos próprios docentes e técnicos e com muito menos dispêndio para o erário público.

Porque não nos deixaram ser autónomos, porque nos impuseram soluções que nós rejeitámos, porque não aceitaram oportunamente as nossas propostas, só agora entrámos no limiar da solução do processo da construção das Instalações Definitivas.

Mas, meus senhores, termino dizendo que acredito no futuro.

[Discurso no dia da Universidade do Minho,  
no X Aniversário – 17-02-1984]